

fonte: JBclass.: 309data: 20/03/85pg.: 4 e 4

Bom Futuro só no nome

DORA KRAMER

BOM FUTURO, RO — Neste território perdido, um pedaço de terra de 35 milhões de metros quadrados, a 70 quilômetros por estrada de chão da BR-364, que corta o estado de Rondônia, vive boa parte do eleitorado do senador Ernandes Amorim (PDT), acusado pela ex-mulher de tráfico de drogas e investigado pelo Senado. É uma gente desvalida que chegou aqui há oito anos atrás da riqueza do estanho e encontrou só doença, pobre-

za, violência, drogas, fome e, ainda outra vez, desilusão. Na época áurea, 1987, 88 e 89, o garimpo de Bom Futuro foi responsável por 40% da produção mundial de estanho e chegava a render US\$ 40 milhões por mês. Hoje, rende à Ebesa — consórcio de empresas liderado pela Paranapanema para explorar o garimpo e que tem o monopólio oficial da compra da extração dos garimpeiros — pouco mais de R\$ 500 mil mensais e sua participação internacional caiu para menos de 5%. (Continua na pág. 4)

Continuação da 1ª página

Garimpo miserável é base eleitoral de senador

■ Com a cassiterita cada vez mais escassa em Bom Futuro, garimpeiros contam com Ernandes Amorim para enfrentar minerador

No garimpo de Bom Futuro já viveram 20 mil homens. A decadência veio pela exaustão natural do minério e também por conta de uma pendenga entre garimpeiros e a mineradora em torno do direito de exploração. A questão está na Justiça. Hoje, são menos de 3 mil, que só continuam ali porque não têm para onde ir, e os cerca de R\$ 200 de minério que conseguem vender aos intermediários ou aos contrabandistas são melhor do que nada.

"Fico, porque fora daqui a coisa ainda está pior", diz Antônio Alves dos Santos (35 malárias) que, quando rareia o minério, pega uma maquina fotográfica e sai por Bom Futuro tirando fotos para os companheiros enviarem às famílias que ficaram bem longe, no Paraná, Mato Grosso, São Paulo, Espírito Santo, Ceará e de onde mais saiu gente

atrás de dinheiro e terra barata. **'Guaxebas'** — Encontraram uma vida de quase escravidão, onde são obrigados a vender o que sai do chão a R\$ 1,80 o quilo, no mercado oficial da mineradora, a R\$ 2,10 para o contrabandista que retira o minério clandestinamente pelas dezenas de estradas vicinais que saem do garimpo, ou ainda um pouco mais caro "lá fora" quando, escapando da vigilância dos *guaxebas* (guardas de segurança) da empresa, embrenham-se pela mata e vendem a cassiterita para quem se dispuser a comprar.

Esta é a vida real, porque na fantasia consideram-se todos muito bem protegidos pela mão forte e pulso firme de Ernandes Amorim, que imaginam um igual, mas que nunca foi garimpeiro, e sim comprador intermediário de minério. Na desorganização total e completa

de uma terra onde a malária de cada um se conta às dúzias, homem barbudo não tem vergonha de beijar homem barbudo, um cigarro de *merla* — subproduto da cocaína —, que chamam "mela", custa R\$ 5 e é vendido às escâncaras, assassinato é parte do cotidiano e defesa do contrabando, invasão de terra, apedrejamentos e desmatamento são confundidos com justiça social, Amorim aparece como herói. Para eles, os garimpeiros só estão aqui por causa da coragem de Amorim em enfrentar as mineradoras e garantir, às vezes pela força, às vezes por ações judiciais, o funcionamento do garimpo.

Indiferença — Aqui, as pessoas estão pouco se incomodando se são verdadeiras ou mentirosas as acusações de que Amorim é contrabandista e narcotraficante. De Enciclopédia Britânica — onde há um verbete sobre narcotráfico com re-

ferência a Amorim — ninguém ouviu falar nem sabe o que é. Senador parece uma coisa etérea do qual o garimpeiro desconhece endereço e função. "Os problema lá de fora é outra coisa. Se ficar provado que ele é culpado, tudo bem, desde que isso não faça com que Amorim deixe a política. Voto nele dez vezes, traficante ou não", assegura Carlos Macedo da Silva (20 malárias).

Para ele e seu grupo, todos amontoados junto a um veio de cassiterita a escarafunchar o chão atrás do minério, a única esperança é Amorim. "Ele defende a gente, só Amorim tem peito para enfrentar os *guaxebas* da Paranapanema e liberar o garimpo", diz Cláudio Francelino (12 malárias), paraibano eleito de Ronaldo Cunha Lima — "Só voto em cabra arrojado", diz —, no garimpo desde que Amorim atuava por lá. Que o antigo

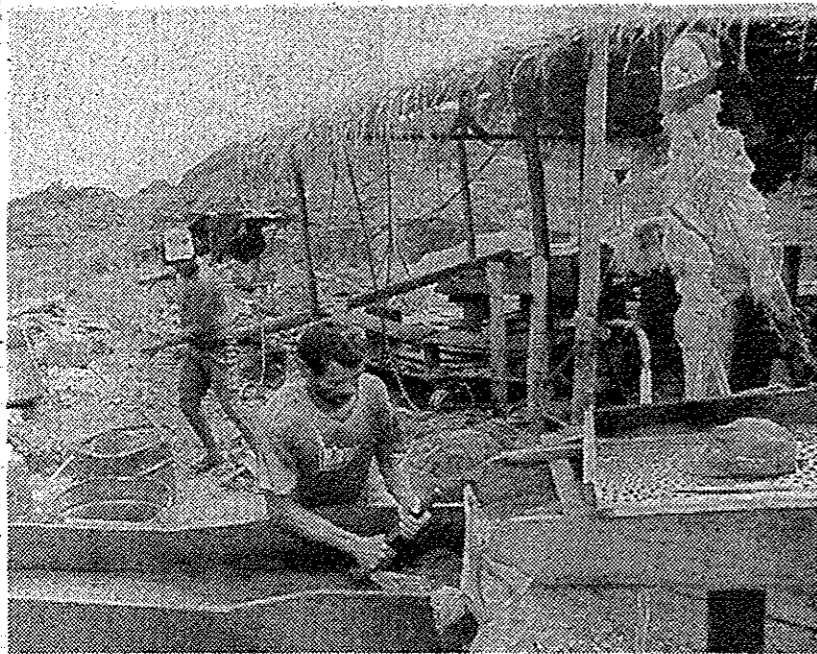
companheiro tenha enriquecido e ele continuado pobre, feito prisioneiro da ausência de alternativa que o mantém num garimpo que já não rende quase nada, Cláudio acha muito natural. "Ele conseguiu um capital, tá certo." Mas, *capital* vindo de onde? Cláudio ri, malandro, e emudece como manda a lei local.

Acusação — Mas o engenheiro responsável pela Ebesa no garimpo, Paulo Henrique Prandi — com três balas de revólver alojadas no corpo, quatro quedas de avião e quase 20 anos de Rondônia nas costas — não se constrange para responder à mesma questão: "Ele começou como ladrão de cassiterita e já em 1982, quando se elegeu suplente de deputado, roubava minério em Cachoeirinha, São Domingos e Alto Candeias", diz Prandi, que faz uma acusação ainda mais séria sobre métodos e modos

de Amorim. Segundo ele, certa vez o hoje senador pediu US\$ 4 milhões à Ebesa para parar de insuflar os garimpeiros e deixar a área livre para a empresa.

Prandi garante que nada foi pago e, por isso, Amorim continuou. Se está envolvido com tráfico de drogas, o engenheiro diz nada saber, mas estranha o enriquecimento rápido. "Em julho de 90, quando cheguei aqui, ele tinha 300 cabeças de gado, um ano depois tinha 2 mil e hoje é dono de 10 mil", diz, baseado no número de bois que havia nas fazendas que Amorim comprou. Prandi concorda que é difícil lutar contra a liderança de Amorim, que não contesta, justamente porque quem o adora não se baseia nos padrões habituais da civilização: "Aqui é um faroeste, o garimpeiro acha que ele é macho e contra isso não há quem possa". (D.K.)

Bom Futuro (RO) — Fotos de Jamil Bittar



Antonio (E) e Manoel continuam no garimpo mesmo sem perspectiva



Neide, uma das muitas garimpeiras, votou e vota de novo em Amorim



Francelino circula pelo garimpo no 'jeerico', híbrido de carro com trator.

Medo cala as vítimas da violência

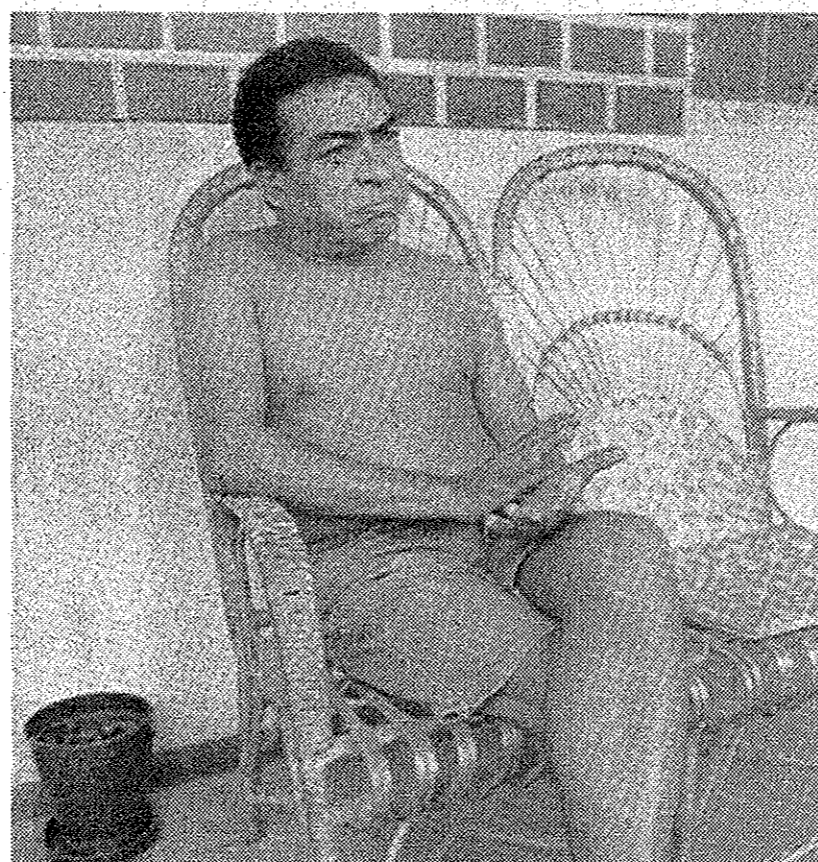
PORTO VELHO — O jornalista Osmar Silva, hoje dono do jornal *O Parceiro*, de Porto Velho, é um caso raro de quem foi vítima da violência de Ernandes Amorim e aceita falar e assumir a denúncia. O habitual é o medo, mesmo entre gente de destaque na região. O advogado Oswaldo Moutinho e o ex-prefeito de Ariquemes Gentil Valério de Lima foram seus alvos, passaram o diabo na mão de Amorim, mas só assumem o pavor: "Sou um cidadão de Ariquemes, ele é senador da República, moro aqui, tenho família e não falo nada, pois não quero morrer", diz o ex-prefeito, hoje dono de hotel, afastado da política por conta da ação de Amorim.

Gentil não aceita dar seu testemunho: "Falar é perigoso", afirma. Ficou assim, mudo, desde que recebeu uma série de ameaças e a mulher assegurou que o abandonaria se não desistisse de combater Amorim. Moutinho vai pelo mesmo caminho. "Amorim é um homem muito perigoso, tem poder e pode me destruir", limita-se a dizer o advogado que, depois de patrocinar uma ação popular contra a Câmara Municipal de Ariquemes (que aprovou as contas do então prefeito, em

1989, mesmo com parecer contrário do Tribunal de Contas do Estado) precisou ficar três dias escondido dos capangas de Amorim. O caso só se resolveu depois da intervenção da maçonaria local, que negociou a vida do advogado em troca de seu silêncio eterno. E assim Oswaldo Moutinho se mantém.

Entrevista — Não é o caso de Osmar Silva. Em 1990, quando coordenava a campanha do então candidato e depois governador (acusado, inclusive, de ser um dos principais suspeitos e beneficiários do assassinato de Olavo Pires, na época o primeiro colocado nas pesquisas) Oswaldo Piana, Osmar sentiu o peso da mão de Amorim. Ele conta que dava uma entrevista no programa do radialista Euclides Maciel criticando Amorim quando o então prefeito de Ariquemes invadiu o estúdio, deu um violento soco em seu ouvido direito, quebrou o microfone e, com a camisa aberta e o revólver calibre 38 no cós da calça, passou a socar suas costas.

"Não reagi, porque ele estava com um grupo e armado, mas esperei Amorim ir embora e contei no ar tudo o que tinha acontecido".



O jornalista Osmar Silva foi agredido e denunciou a agressão pelo rádio

Em seguida, Osmar foi ao Instituto Médico Legal, de lá telefonou para o promotor da cidade, que se comprometeu e comandar pessoalmente

o inquérito. Ainda no IML, Osmar escapou por pouco. Amorim, segundo seu relato, tentou invadir o instituto, mas foi impedido por fun-

cionários que trancaram os portões a tempo. "O promotor, que tanta coragem havia demonstrado ao telefone, se escondeu numa fazenda durante uma semana, acompanhado do juiz da cidade, e o inquérito nunca foi adiante. Nem o depoimento de Amorim foi tomado".

Versão — Na noite deste mesmo dia, Amorim foi a uma festa do Lions Clube da cidade. Chegou de bermudas, interrompeu o baile e, ao microfone, contou tudo o que tinha acontecido e ainda afirmou que bateria no jornalista tantas vezes quantas fosse atacado por ele.

Durante algum tempo, Osmar se dedicou a denunciar Amorim, mas desistiu, "com medo de levar um *dum-dum* na cabeça". Ele jura que, por causa disso, destruiu uma fita de vídeo que durante muito tempo esteve em seu poder, onde uma testemunha corrobora a denúncia da ex-mulher de Amorim, Hélia, segundo a qual ele teria sido o mandante do assassinato de José Catarino Ferreira Alves, amante de Hélia. "Queimei a fita por insistência de minha ex-mulher", assegura.

Hoje, a única pessoa que poderia ter esta fita, Lidio Zohn, que teria gravado o depoimento, tem

destino desconhecido. Na cidade, todos dizem não o conhecer. Assim como uma ex-empregada de Amorim que teria, como Hélia, testemunhado reuniões do senador com traficantes de drogas. A última notícia que se sabe dela é que teria se mudado para Goiânia.

Imagem — Ernandes Amorim não nega a fama e até deixa vislumbrar um certo orgulho da imagem de valentão. "Sou um homem pacífico, não ando armado, mas quando falam mal de mim, tenho de chamar para conversar", diz com sorriso maroto, sem explicar o teor das "conversas".

Ao seu caso no Senado, tudo indica que pode dar a mesma condução, excluindo, daí, pelo menos a violência física. Quando fala de seus companheiros de Mesa, deixa claro que sabe, de cada um, pelo menos um episódio obscuro do passado. "O senhor está montando dossiês?"

Diante da óbvia conclusão do interlocutor, dá um passo atrás, mas mantém a ofensiva: "Não, claro que não, mas só digo que se pensaram que eu era presa fácil, enganaram-se: antes de cair, eu ponho fogo no rancho..." (D.K.)